



A avenida ficou...



... interditada com o protesto

# Outro reajuste. Os alunos <sup>188</sup> deixam as aulas e vão protestar.

Os alunos das quatro unidades das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) paralisaram na noite de ontem a avenida Liberdade, trecho entre a rua Fagundes e a rua São Joaquim, em frente à unidade da Escola de Música. Com faixas e gritando as palavras de ordem "nós queremos maior qualidade e menos mensalidade", os estudantes reivindicavam a revogação do Decreto nº 95.720, que institui a liberdade vigiada sobre as mensalidades escolares; fiscalização sobre os aumentos constantes das mensalidades na faculdade; e fim do "sistema repressivo adotado na escola contra as lideranças estudantis".

Durante a manifestação, os estudantes apresentaram "os aumentos irregulares adotados pela FMU". Dos 14 cursos da escola, as mensalidades cobradas ficam entre Cz\$ 7.800,00 e Cz\$ 13.650,00 — equivalentes ao mês de março. Na tarde de ontem, uma circular informava novos aumentos para os meses de abril e maio. Justificava: o reajuste de 100% concedido aos professores e funcionários, conforme determinação do DRT, e a inclusão da URP. Isso elevou as mensalidades dos sete cursos que possuem uma taxa única de Cz\$ 9.100,00 para Cz\$ 12.480,00, em abril, e Cz\$ 14.500,00 em maio.

O clima na faculdade entre os alunos é de tensão. Apesar se manifestarem em frente da escola com faixas e cartazes contra os aumentos, e nos corredores e salas de aula exigirem melhor qualidade no ensino, muitos temem as represálias que a direção da FMU estaria adotando. Segundo informaram diversos estudantes, "a escola utiliza como punição, para aqueles que questionam o sistema de pagamento e a qualidade no ensino, barreiras na vida do estudante através de pressões psicológicas e até o impedimento da renovação da matrícula".

## Mandado de segurança

Em dezembro do ano passado, seis alunos do curso de Psicologia, que pertencem ao Diretório Acadêmico da faculdade, teriam sido impedidos de renovar suas matrículas. O estudante Antônio Carlos Alves de Araújo diz que só está podendo fazer o quinto ano de Psicologia através de mandado de segurança impetrado contra a faculdade: "Como sou membro do Diretório Acadêmico e o poder de reclamação dos aumentos dentro das escolas só pode ser feito pelos diretórios, centros acadêmicos e associações de pais e mestres, a faculdade está cassando os presidentes dessas entidades para tentar impedir que nos manifestemos contra os reajustes".

No entanto, a preocupação maior entre os estudantes é o decreto que estipula a liberdade vigiada para o reajuste de mensalidades escolares. Durante a manifestação, foram colhidas assinaturas para um abaixo-assinado que está percorrendo todo o estado. Até o momento, já são mais de 50 mil assinaturas. "O decreto é inconstitucional e segunda-feira apresentaremos o abaixo-assinado ao Supremo Tribunal Federal", afirmou Antônio Carlos.

Muitos professores da entidade, ao saberem da manifestação, ficaram surpresos. Outros, como o diretor do curso de Pedagogia, conforme os estudantes, tentava impedir que os alunos do seu departamento participassem do ato público. Os estudantes do primeiro ano de Direito deixaram para o professor e promotor Marcus Cláudio Acquaviva, da disciplina Teoria Geral do Estado, uma carta de 48 linhas explicando por que não estariam presentes na sala de aula e lembrando citações de Rousseau. "A carta que deixamos ao professor é um resumo daquilo que queremos falar para todos os outros e a sociedade", diziam os alunos.

Os diretores da instituição se negaram a manifestar qualquer tipo de opinião sobre o ato de ontem.